

Práticas Educativas Parentais e Habilidades Sociais de Adolescentes de Diferentes Configurações Familiares

Vanessa B. R. Leme
Zilda A. P. Del Prette

Universidade Federal de São Carlos
São Carlos, SP, Brasil

Susana Coimbra

Universidade do Porto
Porto, Portugal

RESUMO

Este estudo analisa a relação entre a percepção sobre práticas educativas maternas e sobre as próprias habilidades sociais em adolescentes de diferentes configurações familiares, bem como a influência do gênero sobre essa avaliação. Participaram 454 adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas do primeiro e segundo ano do Ensino Médio. Os instrumentos utilizados foram: Inventário de Estilos Parentais (IEP); Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette). Análises de variância indicaram que a configuração familiar não exerceu influência nas práticas educativas maternas. Os adolescentes de famílias recasadas apresentaram mais habilidades sociais de abordagem afetiva que os adolescentes de famílias nucleares e monoparentais; as mães foram mais inconsistentes e negligentes com as filhas e utilizavam mais monitoria positiva com os filhos; as garotas foram mais empáticas que os rapazes. De forma geral, o estudo sugere que as transições familiares não tem impacto negativo em várias dimensões do desenvolvimento saudável dos adolescentes.

Palavras-chave: Comportamento parental; Configuração familiar; Habilidades sociais; Adolescência.

ABSTRACT

Parenting Practices and Social Skills by Adolescent of Different Family Configurations

This study analyses the relation between the perception about mothers's parenting practices and the own social skills by adolescents under different family configurations as well as the gender influence on these evaluations. Participants were 477 adolescents from nuclear, separated and remarried families of the first and second years of public high school. Data were collected through: Parenting Styles Inventory (PSI); Social Skills Inventory for Adolescent (SSIA-Del-Prette). Analyses of variance indicated that family configuration did not exert influence in parenting practices. Adolescents from remarried families had more social skills of affective approach than adolescents from nuclear families and separated parents; mothers were more inconsistent and negligent with the daughters and used more positive monitoring their sons; girls were more empathic than boys. Globally, this work suggests that family transitions have no negative impact on various dimensions of healthy development of adolescents.

Keywords: Parental behavior; Family configuration; Social skills; Adolescence.

RESUMEN

Prácticas Parentales y Habilidades Sociales de Adolescentes de Diferentes Configuraciones Familiares

Este estudio analiza la relación entre la percepción de prácticas educativas de las madres y de las propias habilidades sociales por adolescentes que viven en diferentes configuraciones familiares así como la influencia del género en estas en dichas evaluaciones. Participaron del estudio 454 adolescentes de las familias tradicionales, familias con madres divorciadas y familias reconstituidas el primer y segundo año de la escuela secundaria. Los instrumentos utilizados fueron: Inventario de Estilos Parentales (IEP), Inventario de Habilidades Sociales para Adolescentes (IHSA-Del-Prette). El análisis de la varianza indicaron que la configuración familiar no ejercieron gran influencia en los comportamientos parentales de las madres. Los adolescentes de las familias reconstituidas tenían más habilidades sociales de aproximación afectiva que los adolescentes de las familias tradicionales y las familias con madres divorciadas; las madres eran más inconsistentes y indiferentes con las hijas y se utiliza un control más positivo con sus hijos, las niñas son más empáticas que los varones. En general, el estudio sugiere que los cambios en la familia no tiene un impacto negativo sobre varias dimensiones del desarrollo saludable de los adolescentes.

Palabras clave: Conducta de los padres; Configuración familiar; Habilidades sociales; Adolescencia.

Embora a adolescência seja caracterizada pela ampliação e diversificação da rede de interlocutores para os adolescentes (Del Prette e Del Prette, 2009a), a família constitui ainda uma importante rede apoio para os filhos. Neste contexto, torna-se importante estudar o impacto da diversidade familiar sobre o desenvolvimento e competência dos adolescentes, uma vez que se torna cada vez mais frequente, na sociedade ocidental, a inserção dos adolescentes numa configuração familiar diferente da formada por mãe, pai e filho da primeira união conjugal (Wagner, Tronco, e Armani, 2011). Assim, diante das novas formações familiares, há uma tendência entre estudiosos de buscar compreender a separação conjugal e o recasamento como processos dinâmicos e multifacetados (Wagner et al., 2011).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH, Bronfenbrenner, 2011) postula que a compreensão do desenvolvimento humano deve considerar a relação de interdependência dos *contextos* e *processos proximais* que ocorrem dentro deles com as *características biopsicológicas* da pessoa, ao longo do tempo. Numa perspectiva bioecológica, entende-se que a separação conjugal e o recasamento podem deflagrar um conjunto de circunstâncias estressantes no *microsistema* da família que podem prejudicar os *processos proximais* que ocorrem nesse ambiente, por exemplo, uso mais frequente de práticas parentais coercitivas e menos envolvimento e monitoria parental. Consequentemente, tais mudanças na forma como os pais socializam e educam os filhos, poderiam causar dificuldades comportamentais e emocionais nestes (Amato, 2010). Nesse sentido, não seria a transição ou a configuração familiar em si que prejudicariam as relações pais-filhos, mas sim alterações nos processos familiares que precedem ou sucedem essa transição ou configuração, como, por exemplo, o conflito conjugal (Amato, 2010; Hetherington, 2003). Dessa forma, quando essas mudanças nos processos familiares, decorrentes da separação conjugal/recasamento, não impactam negativamente no funcionamento da família, pais e filhos podem ter bom nível de saúde emocional e psicossocial (Amato, 2010; Hetherington, 2003; Mota e Matos, 2011). Referenciado na TBDH (Bronfenbrenner, 2011), dentre as variáveis envolvidas nas transições familiares, a presente pesquisa focalizou as práticas educativas parentais (*processos proximais* que ocorrem no *microsistema* da família) e as habilidades sociais dos filhos (*características biopsicológicas*).

SEPARAÇÃO CONJUGAL, RECASAMENTO E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS

As práticas parentais enquanto um conjunto de estratégias utilizadas pelos pais para orientar os

comportamentos dos filhos (Gomide, 2006), têm recebido atenção em diversas pesquisas que investigam as transições familiares. Para alguns autores (Amato, 2010; Mota e Matos, 2011), conflito conjugal com o ex-cônjuge, discussões acerca da guarda e pensão dos filhos, mudança de residência, redefinição de papéis parentais e dificuldades econômicas, são eventos que geralmente ocorrem após a ruptura conjugal, podendo contribuir para que pais e mães se engajem em práticas parentais pouco adequadas. Hetherington (2003) observou que mães separadas/divorciadas podem fazer uso mais frequente de práticas educativas inconsistentes e coercitivas. Gomes (2010) verificou que pais e mães de famílias nucleares (n=30) apresentavam menos práticas do estilo parental autoritário (tais como uso agressões verbais ou físicas, ameaças e proibições) para controlar os comportamentos dos filhos do que pais e mães de famílias monoparentais (n=30). Em relação ao recasamento, Hetherington (2003) afirma que a entrada de novos membros no contexto da família, como padrasto, madrasta e seus filhos, afeta as relações interpessoais por envolver mudanças nos padrões de autoridade, comunicação e estratégias educativas. Nesse sentido, pesquisas têm identificado que nas famílias recasadas o relacionamento entre pais e filhos adolescentes apresenta mais conflitos relativos à disciplina e ao estabelecimento de regras (Savolainen, 2007), há menos proximidade entre mães-pais-filhos (Falci, 2006) e menos supervisão parental (Eitle, 2005).

Contudo, pesquisas realizadas em diversos países têm sinalizado que a configuração familiar não determina a forma como pais e filhos se relacionam. Estudos não encontraram diferenças nas práticas educativas parentais de famílias nucleares, monoparentais e recasadas no que se refere ao controle, responsividade e suporte parental (Brenner, Graham, e Mistry, 2008; Brown e Rinelli, 2010; Casullo e Liporace, 2008; Murari e Almeida, 2007). O estudo de Sweeney (2007), com diversas configurações familiares (N=8130) identificou aspectos positivos relacionados ao bem-estar de adolescentes de famílias recasadas, como maior acesso à presença dos pais em diversos momentos da rotina diária.

Somadas às possíveis diferenças nas práticas educativas parentais decorrentes dos arranjos familiares, outros estudos têm indicado que mães e pais podem se diferenciar quanto às suas práticas parentais dependendo do gênero dos filhos (Falci, 2006; Nascimento e Trindade, 2010; Sampaio, 2007). Freeman e Newland (2002) identificaram que rapazes de famílias nucleares e monoparentais relataram mais controle parental do que as garotas. Hetherington (2003) encontrou que as

mães de famílias monoparentais tinham relações mais próximas com as filhas do que com os filhos e que, por sua vez, pais não residentes engajavam-se mais em atividades de lazer com os filhos do que com as filhas. A pesquisa de Gomide (2006) indicou que as mães monitoravam e apresentavam mais comportamento moral com as adolescentes do que com os rapazes, e utilizam mais abuso físico e disciplina relaxada com os filhos do que com as filhas. No entanto, algumas pesquisas não têm identificado diferenças nas práticas de pais e mães diante dos filhos e filhas adolescentes (Casullo e Liporace, 2008; Sabbag e Bolsoni-Silva, 2011).

Em conjunto, os resultados sugerem que os achados a respeito das práticas parentais em diferentes tipos de famílias com filhos adolescentes não são conclusivos e merecem mais investigação. Independente da configuração familiar, estudos indicam que monitoria adequada dos comportamentos dos filhos, como, por exemplo, a expressão de afeto, o suporte parental para as atividades acadêmicas dos filhos ou a consistência nas práticas disciplinares são relacionadas com o desenvolvimento de habilidades sociais, bem-estar psicológico, autoestima, autoeficácia, desempenho acadêmico e prevenção de dificuldades sócioemocionais e comportamentais (Benetti, Pizetta, Schwartz, Hass e Melo, 2010; Brenner et al. 2008; Feitosa, Matos, Del Prette e Del Prette, 2009; Hetherington, 2003; Newman, Harrison, Dashiff e Davies, 2008; Marturano, Elias e Leme, 2012). Somado a isso, adolescentes cujos pais utilizam práticas parentais positivas, além de apresentarem mais competência interpessoal (Marturano et al., 2012), relatam relações com pares mais positivas (Cavaco, 2010; Rocha, Mota e Matos, 2011) que podem contribuir para o desenvolvimento amplo de habilidades interpessoais, tais como iniciar interações, fazer autorrevelações e oferecer ajuda (Del Prette e Del Prette, 2009b; Sabbag e Bolsoni-Silva, 2011).

SEPARAÇÃO CONJUGAL, RECASAMENTO E HABILIDADES SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA

Conforme Steinberg e Morris (2001), a adolescência é caracterizada por necessidade de integração social, desejo de autonomia, de autoafirmação e pela consolidação da identidade sexual. Todas essas mudanças podem, por um lado, tornar esse momento mais vulnerável devido à presença de emoções contraditórias, alterações físicas e psicológicas (Nightigale e Fiscohoff, 2002). Mas, por outro, pesquisadores têm procurado romper com uma visão

negativista da adolescência e identificar aspectos positivos do desenvolvimento nessa fase da vida, como autoestima, autoeficácia e resiliência (Bandura, 2006; Coimbra e Fontaine, 2010; Monteiro, Azevedo, Sobreiro e Constantino, 2012). Além disso, como o adolescente ainda não desenvolveu por completo algumas habilidades interpessoais importantes para a vida adulta, essa fase também se torna um momento propício para a capacitação de um repertório elaborado de habilidades sociais que podem contribuir para relações interpessoais mais satisfatórias (Del Prette e Del Prette, 2009a). De fato, as habilidades sociais se referem a comportamentos sociais que podem contribuir para a competência social e relacionamentos interpessoais mais saudáveis (Del Prette e Del Prette, 2010/2012). Portanto, coerente com a perspectiva bioecológica, a adolescência, deve ser considerada como momento plural e não universal, que transcende mudanças fisiológicas e que é influenciada por diferentes contextos, processos e fatores culturais e históricos.

Para Hines (1997), a sobreposição da separação conjugal e do recasamento dos pais com as demandas específicas do período da adolescência podem não só potencializar o surgimento de dificuldades comportamentais e emocionais, mas também prejudicar a aquisição de habilidades interpessoais. Comparados aos adolescentes, cujos pais permaneceram casados, pesquisas indicam que adolescentes de famílias monoparentais e recasadas podem apresentar, além de menos habilidades sociais (Amato, 2010; Hetherington, 2003), baixa autoestima, menores níveis de bem-estar psicológico (Amato, 2010), menor competência acadêmica (Sun e Li, 2009) e mais problemas de comportamento externalizantes, tais como agressividade e delinquência, (Alboukordi et al., 2012) e internalizantes, por exemplo, depressão e ansiedade (Tomcikova, Geckova, Orosova, Dijk e Reijneveld, 2009). Todavia, a literatura tem também indicado que as diferenças entre adolescentes de famílias nucleares e não nucleares não se devem à configuração familiar (Amato, 2010).

De acordo com McGoldrick e Carter (1989/2008), tanto os pais que se separam e os que voltam a formar novas uniões conjugais depois da ruptura marital, quanto os filhos adolescentes, precisam lidar com inquietações a respeito de sexualidade, independência e relacionamentos amorosos. Por sua vez, essas demandas podem levar ao desenvolvimento afetivo e de habilidades interpessoais entre os membros da família (Mota e Matos, 2011). Reese-Weber e Kahan (2005) afirmam que a vivência da resolução de conflitos parentais correlaciona-se positivamente

com a resolução de conflitos nas relações amorosas dos adolescentes. Estudos encontraram associações positivas da qualidade do vínculo ao pai e à mãe com relações românticas (Assunção e Matos, 2010) e com a ligação com pares (Rocha, Mota e Matos, 2011) em adolescentes de diferentes configurações familiares. O estudo de Bou, Walters-Pacheco e Serrano-García (2008) identificou nos relatos de filhos adolescentes, cujos pais haviam se recasado mudanças positivas nas relações interpessoais das famílias, tais como a possibilidade de o adolescente se sentir apoiado e poder confiar seus sentimentos e pensamentos no novo(a) parceiro(a) do pai/mãe. Dessa maneira, é possível que a dissolução conjugal e o recasamento não tragam apenas vivências estressantes, mas também sejam oportunidades de crescimento pessoal e desenvolvimento de, por exemplo, novas habilidades de comunicação, de expressão de sentimentos e de resolução de problemas, tanto entre pais-ex-cônjuges-novos parceiros, quanto entre pais-filhos (Féres-Carneiro, 1998; Mota e Matos, 2011). De fato, a literatura vem indicando já há algum tempo que os processos que ocorrem nas relações conjugais e nas relações parentais são bidirecionais em influência (Wagner et al., 2011).

Além disso, os achados sobre as influências de gênero no impacto do divórcio parental e nas habilidades sociais dos adolescentes ainda é pouco consensual na literatura, sugerindo um campo de investigação a ser explorado. De modo geral, os rapazes externalizam mais no seu comportamento o efeito dessas transições. Inversamente, as garotas demonstram, na maior parte das vezes, sintomas de internalização, como ansiedade e depressão; mas, ao mesmo tempo, parecem conseguir manter-se competentes em termos sociais (Greeff e Van der Merwe, 2004). Cavaco (2010) identificou que adolescentes (idade entre 11 e 16 anos) do gênero feminino eram mais empáticas, cooperativas e comunicativas e apresentavam mais habilidades de resolução de problemas que adolescentes do gênero masculino. Assunção e Matos (2011) verificaram que adolescentes e jovens adultos (idade entre 16 e 25 anos) do gênero masculino, quando comparados ao do gênero feminino, apresentavam mais competências interpessoais de iniciar relações, porém menos habilidades de oferecer suporte emocional. Contudo, Sabbag e Bolsoni-Silva (2011) não encontraram diferenças de gênero nas habilidades sociais de adolescentes (idade entre 12 e 16 anos).

Os estudos descritos anteriormente sublinham que a maioria dos adolescentes que vivencia a separação e o recasamento dos pais apresenta uma boa adaptação

em diversas dimensões do desenvolvimento, da infância até o começo da vida adulta. Além disso, já há alguns anos, pesquisadores vêm sinalizando que o conflito conjugal crônico é mais nocivo aos filhos que a separação conjugal em si (Amato, 2010; Mota e Matos, 2011). Também, crianças e jovens mais habilidosos socialmente parecem lidar melhor com a situação, recorrendo a estratégias de *coping* mais eficazes. O divórcio dos pais não é, por conseguinte, necessariamente um acontecimento negativo, podendo até existir fatores que promovem a resiliência e o bem-estar nessa situação. Os filhos de pais divorciados, na sua maioria, são adultos competentes que funcionam de modo satisfatório nos vários domínios de vida (Van der Merwe, 2004). Contudo, a investigação de dimensões saudáveis do desenvolvimento, como as habilidades sociais de adolescentes de diferentes tipos de famílias, ainda é escassa. A maioria dos estudos foca a identificação de disfunções comportamentais (Wagner et al., 2011), sugerindo que investigar o repertório de habilidades sociais dos adolescentes provenientes de famílias não nucleares pode contribuir para o desenvolvimento de programas de habilidades sociais para os adolescentes que enfrentam dificuldades frente às transições familiares. Diante disso, o presente estudo teve por objetivo caracterizar, junto a adolescentes inseridos em diferentes configurações familiares, a relação entre sua percepção das práticas educativas maternas e de seu próprio repertório de habilidades sociais, bem como a influência do gênero sobre essas avaliações.

MÉTODO

Participantes

O estudo correlacional seguiu um delineamento transversal com comparação de grupos. A amostra selecionada por conveniência foi composta de 454 adolescentes (204 de famílias nucleares, 129 de famílias monoparentais e 121 de famílias recasadas), sendo 53,7% do sexo feminino, que frequentavam o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio de escolas públicas de uma cidade do Estado de Minas Gerais, com idades compreendidas entre 13 e 17 anos ($M=15,32$, $DP=0,83$). O tamanho da amostra atendeu a um requisito para realizar a Análise Fatorial Confirmatória que, segundo recomendação de Marôco (2011) é preciso ter pelo menos 10 sujeitos por item do instrumento de coleta de dados. No presente estudo, o instrumento com maior número itens é o Inventário de Estilos Parentais (IEP, Gomide, 2006), com 42 itens. Critérios de inclusão referendados na literatura (Amato, 2010; Hetherington, 2003) foram

estabelecidos para definir as famílias nucleares, monoparentais e recasadas, assim como o tempo da transição familiar: (1) Famílias nucleares: quando a mãe biológica do adolescente coabitava numa união civil ou por consenso com o pai biológico do adolescente; (2) Famílias monoparentais: quando a mãe biológica do adolescente não coabitava com o pai biológico do adolescente ou com outro companheiro, devendo a mãe do adolescente estar separada por no mínimo dois anos; (3) Famílias recasadas: quando a mãe biológica do adolescente coabitava com um parceiro que não era o pai biológico do adolescente, numa união civil ou por consenso, por no mínimo dois anos.

Instrumentos

Inventário de Estilos Parentais (IEP)

É um instrumento desenvolvido por Gomide (2006) que avalia estratégias específicas utilizadas pelos pais na educação dos filhos. Contempla 42 questões abordando duas práticas educativas positivas (Monitoria positiva e Comportamento moral) e cinco negativas (Punição inconsistente, Negligência, Disciplina relaxada, Monitoria negativa e Abuso físico). O IEP pode ser aplicado às mães, aos pais e aos filhos. As alternativas de respostas dos itens do instrumento são dispostas numa escala tipo *Likert* de 0 (*nunca*) a 2 (*sempre*). No presente estudo, foi utilizada a versão do instrumento em que os filhos respondem sobre as práticas educativas das mães. Benetti et al. (2010) encontraram, em uma amostra de 245 adolescentes, um bom índice de consistência interna (alfa de Cronbach) para as práticas parentais maternas ($\alpha=0,92$). Neste estudo, a Análise Fatorial Confirmatória de primeira ordem apresentou índices adequados de ajustamento global para as práticas educativas positivas ($\chi^2/df=2,17$; CFI=0,95; RMSEA=0,05; SRMR=0,05) e negativas ($\chi^2/df=2,00$; CFI=0,90; RMSEA=0,05; SRMR=0,06). Foram encontrados para a presente amostra índices satisfatórios de consistência interna para as práticas educativas positivas (Monitoria positiva $\alpha=0,82$; Comportamento moral $\alpha=0,76$) e práticas educativas negativas das mães (variaram de 0,75 a 0,82).

Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHS- Del-Prette)

É um instrumento desenvolvido por Del Prette e Del Prette (2009b) que avalia as habilidades sociais de adolescentes a partir dos seus autorrelatos sobre situações cotidianas. Apresenta 38 itens que contemplam diferentes habilidades divididas em seis fatores: 1) Empatia; 2) Autocontrole, 3) Civilidade, 4) Assertividade, 5) Abordagem Afetiva, 6) Desenvol-

tura Social. As respostas estão dispostas numa escala tipo *Likert* que varia de 0 (*nunca*) a 4 (*sempre*). Del Prette e Del Prette (2009b) administraram o instrumento a 1172 adolescentes de ambos os gêneros e encontraram índices satisfatórios de consistência interna ($\alpha=0,89$ para a escala total e de 0,68 a 0,85 para os fatores de frequência). A análise da estabilidade temporal indicou correlações teste-reteste positivas e significativas ($r=0,84$; $p<0,001$). Neste estudo, a Análise Fatorial Confirmatória de primeira ordem apresentou índices adequados de ajustamento global ($\chi^2/df=1,65$; CFI=0,93; RMSEA=0,04; SRMR=0,05). Índices satisfatórios de consistência interna foram encontrados na presente amostra ($\alpha=0,89$ para a escala total e de 0,70 a 0,89 para os fatores).

Questionário de caracterização familiar e informações demográficas

Um Questionário de Caracterização Familiar foi elaborado para este estudo para investigar informações sociais e demográficas das famílias. Foi empregado o Questionário de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2011) que avalia o nível socioeconômico, em ordem decrescente de poder aquisitivo e permite a estratificação das famílias em cinco classes: A (subdividida em A1 e A2), B (subdividida em B1 e B2), C, D e E.

Procedimentos

Coleta de dados

A pesquisa foi aprovada, de acordo com o Parecer nº 287/2011, Processo nº 23112.001179/2011/08, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade onde se realizou o estudo. A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto e dezembro de 2011 e foi realizada de forma coletiva nas salas de aula das escolas dos adolescentes, no horário de aula que foi combinado com os professores. Mediante a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos responsáveis legais pelos estudantes, no início de cada aplicação, foi apresentado aos alunos o objetivo da pesquisa, a garantia de confidencialidade dos dados coletados e reiterado a participação voluntária na pesquisa.

Análise de dados

A base de dados foi construída no programa SPSS 18.0. Primeiramente foram testados e confirmados os pressupostos de normalidade e homogeneidade das variâncias. Para investigar se os grupos eram equivalentes em relação à idade dos adolescentes, escolaridade materna e renda familiar, foram realizadas

análises de variância (Anova), em função dos diferentes tipos de famílias, e teste Qui-quadrado para investigar a distribuição por gênero dos adolescentes. Análises de multivariância (Manova) foram realizadas para verificar se havia interação, isto é, em termos médios, se a diferença entre os níveis da variável configuração familiar (nuclear, monoparental e recasada) era independente dos níveis da variável gênero dos adolescentes (Marôco, 2011). Na sequência, para comparar as diferentes configurações familiares foram realizadas análises de variância a um fator (Anova *one-way*), com teste *Post Hoc Tukey* (Marôco, 2011). Em seguida, o teste *t-Student* foi utilizado para investigar diferenças de gênero em relação às variáveis investigadas. O nível de significância adotado para todos os testes foi menor a 0,05.

RESULTADOS

Informações demográficas

Análises comparativas indicaram ausência de diferenças estatísticas significativas entre os diferentes tipos de famílias para: a) idade dos adolescentes (médias em anos e desvio-padrão: nuclear=15,31(0,78); monoparental=15,34 (0,91); recasada=15,33 (0,83), $F(2,43)=0,16$, $p=0,85$); b) gênero dos adolescentes ($\chi^2=2,80$, $p=0,09$); c) escolaridade materna ($F(2,43)=0,39$, $p=0,68$), que variou do Ensino Médio completo ao Ensino Superior incompleto; d) nível socioeconômico ($F(2,43)=2,23$, $p=0,11$). Conforme os dados da Associação Brasileira de Empresas e

Pesquisas (ABEP, 2011), baseado no Levantamento Socioeconômico (2009), a maioria dos adolescentes do estudo encontrava-se entre a classe B1 (28,4%) e a classe B2 (41,4%), o que corresponde a 25,3% da distribuição da população do Estado de Minas Gerais.

Comparações entre os grupos

Em relação às práticas educativas maternas, as Manovas não indicaram efeitos de interação em função da configuração familiar e gênero para as variáveis. A Tabela 1 apresenta os resultados (Anova *one-way*) a respeito das práticas educativas maternas, segundo a avaliação dos adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas (N = 454).

Pela Tabela 1, nota-se que, segundo a percepção dos adolescentes de diferentes configurações familiares, não foram encontradas diferenças significativas para as práticas educativas positivas e negativas maternas e para os valores totais dessas práticas.

No que se refere às habilidades sociais dos adolescentes, as Manovas não indicaram efeitos de interação em função da configuração familiar e gênero para as variáveis. A Tabela 2 apresenta os resultados (Anova *one-way*) a respeito das habilidades sociais dos adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas (N = 454).

Verifica-se, pela Tabela 2, que os adolescentes de famílias recasadas apresentaram mais habilidades sociais de abordagem afetiva quando comparados aos adolescentes de famílias nucleares e monoparentais.

TABELA 1
Práticas educativas maternas: média, desvio-padrão e resultado das comparações em função da configuração familiar dos adolescentes (N=454).

Variável	Famílias						F
	Nuclear (n = 204)		Monoparental (n = 129)		Recasada (n = 121)		
	M	DP	M	DP	M	DP	
Práticas positivas (PP)							
Monitoria positiva	9,52	2,38	9,31	2,52	9,17	2,33	0,86
Comportamento moral	9,08	2,31	8,89	2,39	8,88	2,36	0,40
Total PP	19,03	3,85	18,73	4,19	18,50	4,06	0,72
Práticas negativas (PN)							
Punição inconsistente	3,79	2,62	3,86	2,68	3,99	2,31	0,23
Negligência	2,93	2,52	2,96	2,60	3,37	2,92	1,18
Disciplina relaxada	3,01	2,48	3,06	2,54	2,90	2,37	0,14
Monitoria negativa	5,45	2,52	5,32	2,91	5,40	2,92	0,09
Abuso físico	1,20	1,45	1,18	1,75	1,21	1,86	0,01
Total PN	16,38	7,57	16,38	8,42	16,87	8,30	0,16

Nota: Não foram encontradas diferenças estatísticas significativas entre as famílias.

TABELA 2
Habilidades Sociais dos adolescentes: média, desvio-padrão e resultado das comparações em função da configuração familiar dos adolescentes (N = 454).

Variável	Famílias						F
	Nuclear (n = 204)		Monoparental (n = 129)		Recasada (n = 121)		
	M	DP	M	DP	M	DP	
Empatia	31,28	5,17	31,81	4,90	31,52	5,09	0,44
Autocontrole	16,89	6,21	17,61	6,26	18,09	6,25	1,49
Civilidade	19,25	3,58	19,82	3,56	18,88	3,50	2,23
Assertividade	21,30	4,51	21,14	4,34	20,51	5,07	1,15
Abordagem afetiva	12,76 ^a	4,31	12,62 ^b	3,85	14,19	4,16	5,73*
Desenvoltura social	13,27	3,22	13,45	3,24	13,07	3,55	0,40
Total IHSA-Del-Prette	114,76	18,85	116,46	17,64	116,27	18,78	0,43

^a Família Nuclear apresenta diferença estatística significativa da Família Recasada.

^b Família Monoparental apresenta diferença estatística significativa da Família Recasada.

* $p < 0,05$.

Não foram encontradas diferenças significativas nas demais habilidades sociais e para o total entre os adolescentes de diferentes configurações familiares.

Diferenças de gênero

Os resultados do teste *t-Student* indicaram que as mães apresentavam mais práticas educativas de Punição inconsistente (masculino $M(DP) = 3,48(2,36)$; feminino $M(DP) = 4,11(2,69)$; $t(452) = 2,21$; $p = 0,03$) e Negligência (masculino $M(DP) = 2,68(2,42)$; feminino $M(DP) = 3,38(2,81)$; $t(452) = 2,80$; $p = 0,00$) com as filhas do que com os filhos. Os adolescentes do gênero masculino relataram que suas mães monitoravam positivamente (masculino $M(DP) = 9,64(2,15)$; feminino $M(DP) = 9,14(2,60)$; $t(452) = -2,25$; $p = 0,02$) mais suas atividades do que as adolescentes do gênero feminino. Em relação às habilidades sociais, as adolescentes do gênero feminino apresentaram níveis mais elevados de empatia que os adolescentes do gênero masculino (masculino $M(DP) = 30,92(5,23)$; feminino $M(DP) = 31,99(4,88)$; $t(452) = 2,26$; $p = 0,02$).

DISCUSSÃO

O presente estudo teve por objetivo investigar, junto a adolescentes inseridos em diferentes configurações familiares, a relação entre sua percepção das práticas educativas maternas e de seu próprio repertório de habilidades sociais, bem como a influência do gênero sobre essas avaliações. O estudo se apoia na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) que considera o desenvolvimento como sistêmico, dinâmico e passível de múltiplas trajetórias, pois contextos diversos produzem formas diferenciadas de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011).

Em concordância com estudos prévios (Brow e Rinelli, 2010; Casullo e Liporace, 2008; Freeman e Newland, 2002; Sweeney, 2007; Brenner et al., 2008), segundo os relatos dos filhos das diferentes configurações familiares, não foram encontradas diferenças nas práticas educativas das mães (positivas, negativas e no total). Corroborando esse resultado, Amato (2010) afirma que as diferenças encontradas nas práticas educativas parentais entre as famílias cujos pais/mães permaneceram casados e aquelas em que os pais/mães se separaram/recasaram são inconsistentes. Além disso, quando existem, tais discrepâncias são modestas, mais intensas nos dois primeiros anos que se seguem às transições e parecem diminuir ao longo do tempo (Hetherington, 2003). No caso da presente amostra, como as mães estavam separadas e recasadas há mais de dois anos, pode-se sugerir que as famílias estavam adaptadas às novas formações e que não apresentavam nenhuma dificuldade nos padrões de relacionamento entre pais e filhos.

Outra questão que deve ser considerada nas semelhanças encontradas nas práticas educativas das mães de diferentes configurações familiares é que, segundo pesquisadores (Nascimento e Trindade, 2010; Wagner e Féres-Carneiro, 2000), padrões tradicionais de gênero para o exercício das funções maternas, como dedicar-se ao espaço doméstico e responsabilizar-se pela educação dos filhos, são verificados em qualquer configuração familiar na contemporaneidade. De todo modo, a ausência de diferença quanto às práticas educativas maternas entre as famílias contribui para a desmistificação de um modelo de família ideal existente ainda hoje na sociedade ocidental em que as famílias não nucleares são vistas como problemáticas e disfuncionais (Féres-Carneiro, 1998; Mota e Matos, 2011; Wagner et al., 2011).

Reiterando estudos prévios (Falci, 2006; Freeman e Newland, 2002; Gomide, 2006; Nascimento e Trindade, 2010) que identificaram que pais/mães se diferenciam em relação às suas práticas educativas, dependendo do gênero dos filhos, os resultados indicaram que as mães eram mais inconsistentes e negligentes com as filhas do que com os filhos, e monitoravam positivamente mais as atividades dos filhos do que das filhas. Contudo, o estudo de Gomide (2006) encontrou que as mães monitoravam de forma positiva mais as filhas do que os filhos. Os resultados mostraram também que as mães não diferenciaram suas práticas educativas de Comportamento moral, Disciplina relaxada e Abuso físico entre os adolescentes do gênero feminino e masculino, o que concorda com a pesquisa de Sabbag e Bolsoni-Silva (2011). De forma geral, os resultados encontrados divergem da literatura sobre papéis de gênero que verificaram que as mães são mais severas com as filhas do que com os filhos (Sampaio, 2007). Nascimento e Trindade (2010) ao entrevistar pais e mães de adolescentes (idade entre 14 e 17 anos) de 44 famílias de diferentes configurações, verificaram que representações tradicionais de gênero guiavam as práticas educativas parentais. Segundo as autoras, as famílias esperavam que as garotas fossem mais submissas à autoridade e, para isso, adotavam estratégias educativas controladoras; por sua vez, os rapazes tinham mais liberdade e autonomia em suas atividades. Sampaio (2007) sinaliza que há poucos estudos que investigam o impacto do gênero sobre as práticas educativas parentais, bem como há ainda evidente incongruência nos resultados encontrados, o que sugere a necessidade de outros estudos para o entendimento das diferenças de gênero. Cabe sublinhar que os resultados do presente estudo poderiam ser diferentes caso as mães avaliassem suas práticas educativas.

De acordo com Mota e Matos (2011), a família que mantém a união conjugal não é imune a conflitos interparentais e a vivência destes, além de não estar necessariamente vinculada a prejuízos para a família, também pode possibilitar mudanças benéficas para as relações conjugais e parentais. Coerente com essa afirmação, a TBDH preconiza que, para que os *processos proximais* levem a resultados de competências no desenvolvimento, é preciso, por exemplo, que as relações entre pais e filhos sejam estáveis, previsíveis, permeadas por afetos positivos, reciprocidade e equilíbrio de poder (Bronfenbrenner, 2011). Essas são as características fundamentais para o desenvolvimento emocional e psicossocial saudável da pessoa e independem da configuração familiar.

Nessa direção, de acordo a expectativa inicial, não houve diferença entre as habilidades sociais dos adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas, com exceção das habilidades sociais de Abordagem Afetiva, que foi mais frequente para os adolescentes de família recasada do que para os demais. O impacto nulo ou positivo das configurações familiares tanto nas práticas educativas das mães, quanto nas habilidades sociais dos filhos, pode ser interpretado como um sinal de resiliência nas famílias e nos adolescentes que parecem ter ultrapassado uma situação indutora de *stress* sem sinais exteriores de deterioração das relações familiares ou das suas competências (Greeff e Van der Merwe, 2004).

Frente aos resultados da presente pesquisa, sugere-se que o ambiente da família recasada pode envolver desafios e padrões de relacionamentos singulares que contribuem para o desenvolvimento de habilidades e estratégias de enfrentamento únicas entre os membros da família (Féres-Carneiro, 1998). Assim, considerando as influências bidirecionais entre pais-filhos, supõe-se que, ao vivenciar a ruptura conjugal dos pais e a formação de uma nova união marital pela mãe, o adolescente tem a oportunidade de aprender habilidades interpessoais em seus próprios relacionamentos amorosos e com pares.

A abordagem afetiva, segundo Del Prette e Del Prette (2009b, p. 21) contempla habilidades sociais do adolescente em estabelecer contato e conversão para relações de amizade e entrar em grupos da escola e do trabalho. Envolve também, segundo os autores, formar relações de intimidade sexual e expressão de satisfação ou insatisfação a diferentes formas de carinho, tais como recusar encontros afetivos ou expressar desagrado em relação a tipos de carinho recebidos. Assim, levando em conta essas habilidades sociais afetivas, estudos sugerem que estratégias de resolução de conflitos e negociação entre os pais podem influenciar as relações interpessoais dos filhos em contextos fora do ambiente familiar, ou seja, que facilitam a aprendizagem de habilidades sociais relacionadas à relação amorosa e fazer amizades (Assunção e Matos, 2010; Reese-Weeber e Kahan, 2005; Rocha et al., 2011).

Nesse sentido, a formação da nova configuração familiar, com a entrada do padrasto, que geralmente impõe redefinição de papéis parentais (Hetherington, 2003), pode ter propiciado um espaço privilegiado de discussão no contexto familiar (Mota e Matos, 2011). Em favor dessa hipótese, alguns estudos (McGoldrick e Carter, 1989/2008; Wagner et al., 2011) têm destacado padrões diferenciados de conjugalidade nas famílias recasadas, identificando que as mulheres se sentem mais felizes na segunda união conjugal e exigem

formas de relacionamento entre homens e mulheres mais igualitários (Féres-Carneiro, 1987). Portanto, é provável que tenha ocorrido, nas famílias recasadas do presente estudo, a aquisição de novos padrões de relacionamento afetivo pelas mães e que isso tenha, de certa forma, contribuído para o desenvolvimento de habilidades interpessoais afetivas dos filhos. Deste modo, ao invés de abordar a configuração familiar como fator desencadeante de prejuízos nas relações entre pais-filhos, os resultados deste estudo se alinham a outros (Brito, 2007; Munhöz-Ortega, Gómez-Alaya, e Santamaría-Ogliastri, 2008) que evidenciam que o impacto negativo sobre os filhos é devido a falta de habilidades de comunicação, negociação e resolução de problemas entre as pessoas da família a respeito da separação conjugal.

Em relação às diferenças de gênero nas habilidades sociais, os resultados mostraram que as garotas foram mais empáticas que os rapazes, o que vai ao encontro dos achados de alguns estudos (Del Prette e Del Prette, 2009b; Cavaco, 2010), mas não de outros (Sabbag e Bolsoni-Silva, 2011). Importante considerar que essas diferenças podem ser devido aos instrumentos utilizados pelas pesquisas e mesmo a idade dos participantes. Não houve diferenças nas demais habilidades sociais, o que vai de encontro a algumas pesquisas (Garaigordobil, 2009; Mestre, Samper, Frías e Tur, 2009) que sinalizam padrões culturais de socialização diferenciados por gênero, em que se espera que as garotas tivessem mais expressividade emocional e seriam mais amáveis e sensíveis aos sentimentos do outro do que os rapazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou que as transições familiares não exerceram influência negativa nas práticas educativas maternas e nas habilidades sociais dos filhos, sinalizando inclusive o oposto, ou seja, resultados de competência (habilidade social de abordagem afetiva) no desenvolvimento interpessoal dos adolescentes de famílias recasadas. De todo modo, há que se reconhecer que a família recasada ainda é pouca estudada no contexto nacional e internacional.

Algumas limitações devem ser consideradas no alcance dos resultados deste estudo. Primeiramente, as práticas educativas parentais foram avaliadas segundo a percepção dos adolescentes. Estudos indicam que pais e filhos podem diferir na forma como percebem as práticas parentais. Segundo, a pesquisa utilizou um delineamento transversal e correlacional e, por isso, as análises estatísticas realizadas não permitem conclusões causais, apenas indicam possíveis associações entre

as variáveis. O estudo traz implicações importantes, pois o estabelecimento de relacionamentos amorosos é uma tarefa desenvolvimental crítica na adolescência, requerendo habilidades sociais específicas. Em relação às contribuições, destaca-se que a pesquisa procurou investigar dimensões positivas do desenvolvimento dos filhos, como as habilidades sociais, envolvidas nas transições familiares, o que é pouco usual na literatura. Em termos teóricos, considera-se importante a adoção da perspectiva bioecológica na compreensão das mudanças e continuidades que ocorrem nas relações interpessoais das famílias que vivenciaram ou não a separação/recasamento parental. Futuros estudos poderiam investigar mais detalhadamente as dimensões de resiliência familiar, assim como os fatores de proteção externos e recursos pessoais dos pais, dos filhos em transições familiares e as relações diádicas entre eles, tais como habilidades sociais de resolução de problema, comunicação, negociação ou relação amorosa.

REFERÊNCIAS

- Amato, P.R. (2010). Research on divorce: continuing trends and new developments. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 650-666.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa [ABEP] (2011). *Dados com base no Levantamento Socioeconômico de 2009*. Recuperado de <http://www.abep.org>
- Assunção, R. & Matos, P.M. (2010). A vinculação parental e amorosa em adolescentes: o papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva. *Anais do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1574-1588). Minho: Universidade do Minho, Portugal.
- Bandura, A. (2006). Adolescent development from an agentic perspective. In F. Pajares & T. Urdan (Eds.). *Self-efficacy beliefs of adolescents* (pp.1-43). Greenwich, CT: IAP – Information Age Publishing.
- Benetti, S.P. da. C., Pizetta, A., Schwartz, C.B., Hass, R. de. A. & Melo, V.L. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321-332.
- Bou, F.N.C., Walters-Pacheco, K.Z. & Serrano-García, I. (2008). Cambios...¿Cómo influyen en los y las adolescentes de familias reconstituídas? *Revista Interamericana de Psicología*, 42(1), 91-100.
- Brenner, A.D., Grahm, S. & Mistry, R.S. (2008). Discerning direct and mediated effects of ecological structures and processes on adolescents' educational outcomes. *Developmental Psychology*, 44(3), 840-854.
- Brito, L.M.T. (2007). Família pós-divórcio: a visão dos filhos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(1), 32-45.
- Bronfenbrenner, U. (2011). Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos. (A. De. Carvalho-Barreto, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Brown, S.L. & Rinelli, L.N. (2010). Family structure, family processes, and adolescent smoking and drinking. *Journal of Research on Adolescence*, 20(2), 259-273.

- Casullo, M. M. & Liporace, M. F. (2008). Percepción sobre estilos e inconsistência parentales en adolescentes argentinos. *Estudios de Psicologia (Campinas)*, 25(1), 3-9.
- Cavaco, N. A. P. A. (2010). Atitudes educativas parentais e resiliência no adolescente. *Psicologia.PT*. Recuperado de http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0563
- Coimbra, S. & Fontaine, A. M. (2010). Será que sou capaz? Estudo diferencial de auto-eficácia com alunos do 9.º ano. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(1), 5-22.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2009a). Adolescência e fatores de risco: a importância das habilidades sociais educativas. In V. G. Haase, F. O. Ferreira, & F. J. Penna. (Orgs.), *Aspectos biopsicossociais da saúde na infância e adolescência* (pp. 503-522). Belo Horizonte: Coopmed.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2009b). *Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette): manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2010/2012). Social skills and behavior analysis: Historical proximity and new Issues. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 1(2), 104-115.
- Eitle, D. (2005). The moderating effects of peer substance use on the family structure-adolescent substance use association: quantity versus quality of parenting. *Addictive Behaviors*, 30, 963-980.
- Falci, C. (2006). Family structure, closeness to residential and nonresidential parents, and psychological distress in early and middle adolescence. *The Sociological Quarterly*, 47, 123-146.
- Feitosa, F. B., Matos, M. G., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2009). Desempenho acadêmico e interpessoal em adolescentes portugueses. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 14(2), 259-266.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Freeman, H.S., & Newland, L. A. (2002). Family transition during the adolescent transition: implication for parenting. *Adolescence*, 37(147), 457-475.
- Garaigordobil, M. (2009). A Comparative analysis of empathy in childhood and adolescence: gender differences and associated socio-emotional variables. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 9(2), 217-235.
- Gomes, M. I. M. (2010). (Des)complexificando os estilos parentais com pais casados e pais divorciados/separados. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Greef, A. P. & Van der Merwe, S. (2004). Variables associated with resilience in divorced families. *Social Indicators Research*, 68, 1, 59-75
- Hetherington, E. M. (2003). Intimate Pathways: changing patterns in close personal relationships across time. *Family Relations*, 52(4), 318-331.
- Hines, A. M. (1997). Divorce-related transitions, adolescent development, and the role of the parent-child relationship: a review of the literature. *Journal of Marriage and Family*, 59(2), 375-388.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (5ª ed). Pêro Pinheiro: ReportNumber, Lda.
- Marturano, E. M., Elias, L. C. dos S. & Leme, V. B. R. (2012). A família e o desenvolvimento do escolar. In L. E. Melchiori, O. M. P. Rodrigues & A. C. B. Maia (Orgs.), *Família e crianças: reflexões teórico-práticas sobre os cuidados com as crianças* (pp. 137-152). Curitiba: Juruá.
- Mestre, V. M., Samper, P., Frías, M. D. & Tur, A. M. (2009). Are women more empathetic than men? A longitudinal study in adolescence. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(1), 76-83.
- McGoldrick, M. & Carter, B. (2008). Constituindo uma família recasada. In B. Carter & McGoldrick, M. (Orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.) (pp. 291-321). Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmet. (Trabalho original publicado em 1989).
- Monteiro, R. F., Azevedo, L. F. De., Sobreiro, R. T. & Constantino, P. (2012). Autoestima e resiliência dos adolescentes da margem da linha: redes de apoio social como fator de proteção. *Perspectivas Online*, 4(2), 41-55. Recuperado de <http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/CBS/article/viewFile/159/71>
- Mota, C. P. & Matos, P. M. (2011). Adolescência e conflitos parentais: uma perspectiva de resiliência. In P. M. Matos, C. Duarte & M. E. Costa (Orgs.). *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção* (pp. 125-150). Porto: LivPsic.
- Muñoz-Ortega, M. L., Gómez-Alaya, P. A. & Santamaría-Ogliastri, C. M. (2008). Pensamientos y sentimientos reportados por los niños ante la separación de sus padres. *Universitas Psychologica*, 7(2).
- Nascimento, C. R. R. & Trindade, Z. A. (2010). Criando meninos e meninas: investigação com famílias de um bairro de classe popular. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 187-200.
- Newman K., Harrison L., Dashiff C. & Davies S. (2008). Relationships between parenting styles and risk behaviors in adolescent health: an integrative literature review. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 16(1), 142-50.
- Nightingale, E. O. & Fischhoff, B. (2002). Adolescent risk and vulnerability: overview. *Journal of Adolescent Health*, 31(1), 3-9.
- Reese-Weber, M., Kahan, J. H. (2005). Familial predictors of sibling and romantic-partner conflict resolution: comparing late adolescents from intact. *Journal of Adolescence*, 28, 479-493.
- Rocha, M., Mota, C. P. & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: o papel mediador da autoestima. *Análise Psicológica*, 2(29), 185-200.
- Sabbag, G. M. & Bolsoni-Silva, A. T. (2011). A relação das habilidades sociais educativas e das práticas educativas maternas com os problemas de comportamento em adolescentes. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 11(2), 423-441.
- Sampaio, I. T. A. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(2), 144-152.
- Savolainen, J. (2007). Family structure and adolescent victimization in Finland: investigating the stepfamily as a source of risk. *Research on Finnish Society*, 1 17-27.
- Steinberg, L. & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110.
- Sun, Y. & Li, Y. (2009). Postdivorce family stability and changes in adolescents' academic performance: a growth-curve model. *Journal of Family Issues*, 30(11), 1527-1555.
- Sweeney, M. M. (2007). Stepfather families and the emotional well-being of adolescents. *Journal of Health and Social Behavior*, 48(1), 33-49.
- Tomcikova, Z., Geckova, A. M., Orosova, J., Dijk, V. J. P. & Reijneveld, S. A. (2009). Parental divorce and adolescent

drunkenness: role of socioeconomic position, psychological well-being and social support. *European Addict Research*, 15, 202-208.

Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2000). O recasamento e a representação gráfica da família. *Temas em Psicologia*, 8(1), 11-18.

Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In A. Wagner e colaboradores (Orgs.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisa e reflexões* (pp. 19-35). Porto Alegre: Artmed.

Recebido em: 19.03.2013. Aceito em: 02.04.2013.

Autores:

Vanessa B. R. Leme – Pesquisadora de Pós-Doutorado da Universidade Federal de São Carlos.

Zilda A. P. Del Prette – Professora Titular da Universidade Federal de São Carlos.

Susana Coimbra – Professora da Universidade do Porto.

Endereço para correspondência:

Vanessa B. R. Leme

Rua Frederico Ozanan, 633 – Jardim São Vicente

CEP 13670-000, Santa Rita do Passa Quatro, SP, Brasil

E-mail: vanessaromera@gmail.com